



**II Congresso Brasileiro e Iberoamericano Habitação Social – Ciência e Tecnologia
Florianópolis, 14 a 17 de novembro 2006**

Nome	E-mail	Instituição
Gleice Azambuja Elali	gleiceae@gmail.com	UFRN

**MAIS DO QUE PAREDES:
algumas considerações sobre aspectos subjetivos da habitação**

RESUMO

Assumindo grande importância para a vivência humana, a habitação é um ambiente que conecta pessoas (indivíduos e gerações), tempos (passado e futuro dos indivíduos e do grupo) e vários elementos do contexto sócio-ambiental onde está inserida, sendo considerada fonte da identidade espacial e temporal do indivíduo e da família. Nesse sentido, este *paper* tem como base algumas discussões que se desenrolam na área da Psicologia Ambiental, como as questões culturais, os significados da habitação, as temporalidades que ela envolve, as relações afetivas e de apropriação que nela se estabelecem, a satisfação residencial e a qualidade de vida. A partir desse enfoque, e adotando uma perspectiva ligada ao usuário e à valorização de seus sentimentos de afeto relacionados à moradia, estes conceitos são apresentados e ilustrados a partir de resultados de pesquisas específicas realizadas no âmbito da UFRN. Considera-se que, num evento voltado para a compreensão da habitação social, é imprescindível que tais aspectos sejam cada vez mais discutidos e evidenciados.

PALAVRAS-CHAVE: Habitação; Subjetividade; Psicologia Ambiental.

MORE THAN WALLS: some considerations about subjective aspects of housing

ABSTRACT

Housing is very important to the human life. It connects people (persons and generations), times (past and future) and many elements of the social and environmental context where it is inserted. The house is considered font of the person's and the family's spacial and temporal identity. In this case, this work is based in some concepts of Environmental Psychology, such as cultural questions, meanings of house/home, its temporalities, affections and appropriation of relationships, residential satisfaction and quality of life. Adopting a perspective that values the user and their affective feelings towards the house, this paper presented these concepts and illustrated them using results of especific researches made at UFRN. These aspects need to be discussed and put in evidence in all events directed to the social-housing comprehension.

KEY-WORDS: housing; subjetivity; Environmental Psychology.

INTRODUÇÃO

Uma casa vem ao mundo, não quando a acabam de edificar, mas quando começam a habitá-la (Vallejo, 1975).

O programa Globo-Repórter veiculado em 05/maio/2006¹ foi dedicado questão da casa própria, apontando soluções técnicas que visam ampliar a possibilidade de acesso das classes economicamente menos favorecidas a um bem imóvel. A pergunta-chave de um dos blocos do programa foi "o que significa ter uma casa?". A ela seguiram respostas de vários entrevistados

¹ acessível em www.globo.com/globoreporter

visivelmente emocionados: “Foi a benção maior da minha vida. Ainda não acredito” (senhora de meia idade, em lágrimas). “Hoje eu vou pra minha casa. Só agora eu posso dizer isso. Não é como ir pra uma casa qualquer, dos outros. É diferente” (senhor de meia idade). “A vida inteira eu sonhei com essa casa. A janela, a porta, o terraço, tudo. Demorou, mas estou aqui” (idososa).

Num país em que a moradia é um enorme problema nacional, ampliado por uma ideologia da casa própria cultivada durante décadas, é urgente que as mais diversas áreas do conhecimento se aproximem do tema. Em âmbito acadêmico, nos cursos de graduação e pós-graduação, tal interesse reflete-se na quantidade de trabalhos que estudam a habitação humana, através de perspectivas que abarcam desde técnicas-construtivas e características morfológicas do edifício até as necessidades individuais dos moradores e políticas na área². Tais visões indicam que a moradia pode ser analisada a partir de classificações como, entre outras, localização (urbana, suburbana, rural), relações familiares entre moradores (individual, unifamiliar, multifamiliar), modo de produção (construída por meios tradicionais, por sistemas industrializados, por sistemas alternativos), agentes envolvidos (auto-construção, mutirão, sistema cooperativista, terceiros), tipo de edificação (casa, apartamento, sobrado, condomínios verticais, condomínios horizontais).

Qualquer que seja sua tipologia ou modalidade de inserção, enquanto edifício destinado ao abrigo do indivíduo ou grupo familiar, além de características físico-construtivas, a habitação se reveste de características subjetivas relativas à relação que se estabelece entre pessoa e ambiente. Considerando tal entendimento como fundamental à compreensão da dinâmica de ocupação do meio habitacional e sua adequação aos usuários, este texto discute alguns aspectos subjetivos da relação moradia-morador. Ele foi desenvolvido a partir de referencial teórico originário da Psicologia Ambiental, e os conceitos são ilustrados por constatações de pesquisas relacionadas à topofilia realizadas no âmbito da UFRN (coordenados ou orientados pela proponente), de cujo conteúdo emergiram como itens a analisar: questões culturais, significados, temporalidades, relações afetivas, apropriação, satisfação residencial e qualidade de vida.

Embora não seja possível detalhar nesse documento, é imprescindível esclarecer que nossas pesquisas têm como base a coleta de dados realizada através de multimétodos (Sommer & Sommer, 1997), geralmente combinando entrevistas, questionários, autobiografias ambientais e observações comportamentais dos participantes, definidas conforme a situação em estudo.

1- Questões Culturais

Culturalmente, a habitação sintetiza as aquisições humanas ao longo do tempo, refletindo seu modo de interação com o meio ambiente, a evolução tecnológica do grupo e as peculiaridades locais (Rapoport, 1972). Autores como Certeau, Giard e Mayol (1995), Tuan (1980 e 1983) e Valente (1972), entre outros, demonstram haver estreita ligação entre formas e divisões da habitação e o modo de vida de seus ocupantes, de maneira que a edificação residencial pode ser considerada uma materialização dessa cultura e sociedade.

No livro *Casa-grande e Senzala*, Gilberto Freyre (1993/1992) utiliza justamente a moradia como metáfora para análise da cultura e sociedade colonial brasileira, cujas diferenças, derivadas do forte sistema patriarcal e de discriminação social (brancos/negros, homem/mulher, ricos/pobres, entre outros), são legíveis a partir do ambiente construído.

Em nossas pesquisas, essas questões têm se manifestado em vários aspectos, desde a aceitação de iniciativas relacionadas ao uso de novas tecnologias até a compreensão e uso da habitação, como pode ser verificado nos trechos de entrevistas a seguir³:

² Ver sites como <http://www.inforhab.org.br> e <http://www.ibict.br>.

³ Os entrevistados não são identificados em função da manutenção de sua privacidade. Para diferenciar o discurso dos mesmos optou-se por utilizar letras em itálico, sendo a concordância verbal e nominal mantida conforme original.

Vê se dá pra achar que nordestino, pobre, não vai ter rede na parede. Pois é, né? Meu irmão foi quebrar a parede pro armador, abriu o maior rombo, e o cimento nem segurou mais. Aí ele fez um remendo e pendurou a rede num pau⁴. (entrevista realizada em 2005).

Depois da tremedeira o pessoal da Caixa veio pra fazer as casa de novo⁵. Eu fiquei com uma, mas logo no outro mês precisei reformá. (Porque?) Ora, todo mundo sempre sabia que casa de barro é fraca e junta bicho. Aí, como é que eu ia morá naquela casa de barro? (...) Eu limpei os tijolos da casa velha e usei de novo. Arranjei um dinheiro pra comprá cimento e fui dando o meu jeito (entrevista realizada em 2004).

Depois que mudei pro apartamento (sétimo andar, de frente para o mar) precisei contratar uma empregada. Trouxe uma mocinha do interior. Ela chegou toda acanhada, se assustou com o elevador, e ficou na janela, muito calada, olhando pra fora. Depois veio dizer que não ia ficar: “Não dá, dona (...)! É muito alto. Não vou agüentar ir todo dia buscar água naquele açude lá de baixo prá trazer aqui pra cima” (entrevista realizada em 2003).

2. Significados

No que se refere ao significado, a casa é considerada um arquétipo de nossas diferentes “peles” e uma das pedras angulares da personalidade individual (Royer, 1989). Ela configura-se como manifestação material da dicotomia dentro/fora, representando a passagem entre um lado íntimo (o interior) e um lado social (a fachada), repouso/movimento, ordem/caos, familiar/estranho, seguro/perigoso, sagrado/profano, privado/público (Dovey, 1985). Tal discussão estende-se às semelhanças e diferenças entre os conceitos de casa e lar (do inglês, *house* X *home*), bem estar macro-social e subjetivo-individual (*welfare* X *wellbeing*), e espaço-conceitual e espaço-vivido ou experienciado (Medeiros, 2006; Higuchi, 2003, Américo, 1995).

Também em nossas pesquisas, os vários significados da moradia tem emergido do discurso das pessoas contatadas, inclusive como indicador de características pessoais e sócio-econômicas:

Meu pai era dos antigos, só deixava o casório de quem tivesse casa. Aí meu sogro deu o terreno, o Jairo juntou dinheiro pro tijolo e levantamo as parede. Quando a casa ficou pronta a gente casou. E a casa cresceu junto com os filhos. (...) Moro aqui já tem mais de 30 ano; não saio por nada. Pra mim não tem lugar melhor no mundo (entrevista realizada em 2003).

3. Temporalidades

Os elementos físicos que definem e caracterizam uma habitação, tais como época de construção, localização, disposição no lote, configuração formal, materiais e técnicas construtivas, etc., podem ser considerados função dos valores das pessoas que a habitam hoje ou a habitaram em momentos anteriores e dos diversos agentes envolvidos em sua construção (quando quer que a mesma tenha acontecido), colocando em evidência uma importante faceta da nossa discussão: a questão temporal. Nesse sentido, Werner, Altman e Oxley (1985) indicam que a habitação está submetida a duas temporalidades, a linear (*continuum* passado-presente-futuro) e a cíclica (ciclos diários, semanais, mensais, anuais, e repetições rítmicas como dormir-acordar-dormir, alimentar-se, realizar práticas religiosas), ambas afetadas por variações relativas às exigências de cada período (escala) e a eventos esporádicos significativos. Uma terceira dimensão temporal é acrescida por Rabinovitch (1997) que, além das anteriores, faz referência à contínua organização e integração entre espaço e tempo no local de moradia.

De fato, além da experiência presente, a moradia guarda o passado, tanto em sua estrutura física (como mostram os estudos retrospectivos, através dos quais se reconhecem as intervenções realizadas em uma edificação), quanto em pequenos detalhes de uso/ocupação (que podem ser

⁴ A entrevistada se refere a habitações construídas no sistema de concreto-leve, experiência realizada no conjunto Parque dos Coqueiros, Extremoz-RN, no final dos anos 1980 e com baixa aceitação popular.

⁵ O entrevistado refere-se ao chamado “terremoto de João Câmara, RN” ocorrido em dezembro/1986 e a um Programa da Caixa Econômica Federal que o sucedeu, no qual as construções usavam tecnologia em taipa.

observados mesmo em visitas ocasionais, a partir de vestígios comportamentais⁶). Por outro lado, vários autores relatam a importância das lembranças de casas já habitadas (Cooper-Marcus, 1992 e 1995; Rivlin, 2003) e dos elementos que eliciam tal memória, como um detalhe, uma cor, um cheiro. Nesse sentido, em nossas pesquisas com autobiografias ambientais de estudantes universitários, a habitação da infância e a casa de avós foram temas constantes (Pinto & Elali, 2004; Elali, 2004). Por outro lado, em trabalho específico com casais que vivenciaram grande mobilidade espacial, como militares, os resultados apontam que as habitações indicadas como preferidas foram aquelas nas quais aconteceu o início do relacionamento conjugal e/ou nasceram os filhos (Elali, 2005). Outro tipo de relato interessante diz respeito ao retorno do adulto a uma moradia da infância, geralmente descrito com uma emoção crescente, e envolvendo diferentes percepções da escala local.

Só voltei a Santo Antônio o ano passado. Minha prima e eu fomos visitar casa onde nasci e morei até os 9 anos. (...) Me assustei com o tamanho da casa. Era muito menor do que eu lembrava. (...) Não era a casa que tinha mudado. Era eu que estava diferente. Não sei explicar (...), mas acho que foi naquela hora que descobri que eu tinha crescido. (autobiografia ambiental de jovem de 24 anos que comenta sua volta à casa da infância após 15 anos sem revê-la — coletada em 2002).

4- Relações Afetivas

Entre a pessoa e o ambiente físico se forma um elo afetivo que caracteriza o lugar como um local diferenciado dos demais, e em cuja compreensão a experiência é considerada palavra-chave. Esse sentimento de afiliação ao ambiente é conhecido como topofilia (Tuan, 1980) ou *place attachment* (Low & Altman, 1992; Giuliani, 2004; Speller, 2005). No que se refere à relação entre morador e moradia, o estabelecimento e consolidação desses vínculos afetivos variam em função da intensidade da vivência individual ou grupal (Brandão, 2002; Leitão, 2002; Elali, 1998), indicações que são corroboradas por vários trechos de discursos presentes em nossas pesquisas:

Nossa casa era a mais bonita da rua. Era pintada de cor de rosa, com um jardimzinho na frente e um pé de jambo. Quando as florzinhas do jambo caíam, faziam um tapete rosa-choque sob a copa, que tomava quase toda a frente da casa. (autobiografia ambiental de jovem de 22 anos — coletada em 2000)

Antes do divórcio dos meus pais tudo ficou muito complicado. Eles brigavam muito e ir pra casa era difícil. Eu não conseguia mais gostar de estar lá. (...) Eu preferia a casa da minha avó, que era tranqüila e tinha um quarto pra mim. Demorou muito até eu voltar a me sentir bem naquela casa. (autobiografia ambiental de jovem de 19 anos — coletada em 2003).

5. Apropriação

Como para outros animais, também para o ser humano, o local de moradia é um território primário que, ao mesmo tempo, reflete a evolução da espécie no modo de estruturar o espaço e a conservação de várias características básicas da classe biológica a que pertencemos. Segundo Pi (1985), embora tenha um local específico para o fogo, a habitação humana, da mais simples à mais sofisticada, tem muito em comum com a dos símios, sendo constituída, entre outros, por ninhos (nossas camas), elementos para controle/proteção contra intempéries (paredes externas e divisões entre cômodos), áreas seguras (sótãos, porões, cômodos íntimos), locais para fezes e urina próximos à área vivencial (banheiros). Apesar desses pontos em comum com outras espécies, é importante salientar que, como indicam Ittelson *et al.* (1974), a diferença entre a ação humana e a de outros animais estaria (i) na extensão das intervenções; (ii) na sua implementação deliberada e autoconsciente, que ocorre a partir de uma cultura comunicável e possibilita o controle dos resultados; e (iii) na complexidade das ações empreendidas.

⁶ Vestígios comportamentais são restos da ocupação humana que permanecem no ambiente depois ser concluída a atividade (Sommer & Sommer, 1997), representados por ornamentos, equipamentos e artefatos acumulados pelos moradores, tais como a colcha da avó, a cadeira do pai, livros e brinquedos das crianças, roupas de vários períodos, etc.

Refletindo essa territorialidade, as pessoas se apropriam do ambiente através de comportamentos específicos (Pol, 1996; Medeiros, 2006) ligados a: (i) manutenção da privacidade; (ii) identificação/identidade, e (iii) personalização, como pode ser observado no texto a seguir:

Minha casa, e, principalmente o meu quarto, é meu lugar especial. Nele eu ponho as coisas que acho bonitas, vejo os filmes que gosto, ouço música, converso com meus amigos, penso na vida, fico sozinho, fico nu, sou quem eu quero e fico com quem gosto (autobiografia ambiental de jovem de 24 anos, coletada em 2004).

O processo de apropriação também se mostra muito claro em conjuntos habitacionais, sobretudo quando os moradores se envolvem com a reforma/modificação da residência buscando diferenciá-la das demais, mesmo que apenas através de detalhes, como pintura ou aplicação de revestimento e no uso do espaço comum (Gonçalves, 2002; Szucks, 1998; Elali, 1997).

6. Satisfação Residencial e Qualidade de vida

Embora relativamente recentes e ainda de difícil conceituação, em função das diferenças entre os pesquisadores envolvidos, os estudos de satisfação residencial (Amérigo, 1995) e qualidade de vida (Moreira, 2001; Mendes, 2000; Cuervo-Arango, 1993) estão atualmente em grande evidência, presentes em inúmeros trabalhos relacionados à área habitacional, sobretudo naqueles preocupados com a habitabilidade e aceitação de novos empreendimentos (Oliveira & Heineck, 1998; Wiesenfeld, 1994; Cabrita & Coelho, 1996; entre outros).

Corroborando as afirmações já apresentadas na introdução desse artigo, em pesquisa relativa à qualidade de vida urbana na cidade de Natal-RN (Veloso & Elali, 2006), a moradia foi um dos aspectos mais citados pelos respondentes, explicitamente expresso em 13,7% das respostas à pergunta “para você, o que é qualidade de vida?”. Nesse sentido, verificou-se que as pessoas referiram-se mais diretamente à localização e à condição de propriedade de um imóvel, não mencionando as características da construção em si, como indicado pelas afirmativas “*ter qualidade de vida é poder viver em casa própria*” e “*qualidade de vida é morar numa casa num canto bom, sem preocupação em pagar aluguel no fim do mês*”.

COMENTÁRIO FINAL

Apesar da urgência de desenvolver métodos e técnicas para a produção acelerada de moradias necessárias ao enfrentamento do déficit habitacional brasileiro e mesmo latino-americano, bem como da preocupação no sentido de que elas sejam erguidas com a maior qualidade possível, é essencial compreender que, mais do que alvenarias, a moradia é construída a partir de aspectos subjetivos que precisam ser decodificados para que se possa projetar e executar essas unidades de modo condizente com as necessidades e aspirações dos seus futuros ocupantes. Constatações desse porte, aliadas à necessidade de construir-se um conhecimento mais sólido sobre o modo como, em nossa realidade, as pessoas se apropriam do ambiente que habitam, tornam urgente a necessidade de investirmos mais tempo e esforços no estudo do ambiente residencial e dos elementos subjetivos que o caracterizam. Mesmo que, à primeira vista, tal tipo de pesquisa possa parecer supérfluo frente à imensidade do problema concreto a enfrentar, compreender as relações morador-moradia pode se tornar uma importante contribuição para a atividade propositiva na área, configurando-se como um dos mais importantes desafios transdisciplinares que hoje se impõem aos profissionais envolvidos com o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, I. & LOW, S.M. (Eds) (1992). Place Attachment. New York: Plenum Press.
- AMÉRIGO, M. (1995). *Satisfacción residencial: un análisis psicológico de la vivienda y su entorno*. Madrid: Alianza Editorial.
- BRANDÃO, L.L. (2002). *A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos*. São Paulo: Perspectiva.
- CABRITA, A.M.R. & COELHO, A.B. (1996). Análise e avaliação pós-ocupação da qualidade residencial. In *Anais do NUTAU'96*. São Paulo: FUPAM/FAU-USP.

- CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. (1996). *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.
- COOPER-MARCUS, C. (1995). *A house as a mirror of self – exploring the deeper meaning of home*. Berkeley: Conari Press.
- DOVEY, K. (1985) *Home and homelessness*. In I. Altman & C.M. Werner (Orgs.), *Home Environments*. New York: Plenum. pp. 33-64.
- CUERVO-ARANGO, M.A. (1993). La calidad de Vida. Juicios de satisfacción y felicidad como indicadores actidunales de bienestar. In. *Revista de Psicología Social*, 8 (1), 101-110.
- ELALI, G.A. (1997). *Percepção Ambiental e Comportamento: Fatores Essenciais à Avaliação Social da Habitação*. In: Anais do **XXVI Congresso da Sociedade Interamericana de Psicologia**, São Paulo: SIP.
- ELALI, G. A. (1998). Dimensiones afectivas en la evaluación de habitaciones populares. In: Sabucedo e outros (dir). *Medio Ambiente y Responsabilidad humana: aspectos sociales y ecológicos*. Espanha: Universidade da Coruña/Universidade de Santiago de Compostela/Universidade de Vigo, p.53-58
- ELALI, G. A. (2005). "Esse é o meu lugar..." - *um estudo das relações afetivas morador-habitação*. Relatório de pesquisa não publicado. UFRN / ProPesq / Grupo de pesquisa Inter-Ações Pessoa-Ambiente.
- ELALI, G. A. (2004). *Relações topofílicas em autobiografias ambientais de universitários*. Relatório de pesquisa não publicado. UFRN / ProPesq / Grupo de pesquisa Inter-Ações Pessoa-Ambiente.
- FREYRE, G. (1933/1992). *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: Record.
- GIULIANI, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente. In E. Tassara, E. Rabinovich & M. C. Guedes (Orgs.). *Psicologia e Ambiente*. São Paulo: Educ.
- GONÇALVES, F.M. (2002). A apropriação dos espaços livres em áreas habitacionais – avaliação de uma experiência. In Anais do *NUTAU'2002*. São Paulo: FUPAM/FAU-USP.
- HIGUCHI, M.I.G. (2003). A socialidade da estrutura espacial da casa: processo histórico de diferenciação social por meio e através da habitação. *Revista de Ciências Humanas*, 33. Florianópolis: EDUFSC.
- ITTELSON, W., PROSHANSKY, H., RIVLIN, L., & WINKEL, G. (1974). *An Introduction to Environmental Psychology*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston.
- LEITÃO, L. (2002). Espaço do abrigo? Espaço do afeto!. In V. del Rio; P.A. Rheingantz & C.R. Duarte (Orgs.) *Projeto do lugar: colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo*. Rio de Janeiro: Contracapa. Pp. 365-37.
- LOW, S. M. & ALTMAN, I. (1992). Place attachment: a conceptual inquiry. In S. Low & I. Altman (Orgs.) *Place Attachment*. New York: Plenum Press.
- MEDEIROS, S.T.F. (2006). Um lugar para chamar de meu. Dissertação de mestrado não publicada. UFRN: Programa de Pós-graduação em Psicologia.
- MENDES, J. (2000) Decision Strategy Spectrum for the Evaluation of Quality of Life in Cities. In *Proceedings of the First International Conference on Quality of Life in Cities (ICQOLC)*, Singapura.: ICQOLC.
- MOREIRA, W.N. (2001). *Qualidade de vida: complexidade e educação*. São Paulo: Papirus.
- OLIVEIRA, M.C.G. & HEINECK, L.F.M. A satisfação pós-ocupacional de usuários como critério de avaliação da habitabilidade de ambientes construídos. In *Anais do NUTAU'98*. São Paulo: FUPAM/FAU-USP.
- PI, J.S. (1985). *Etologia da la vivienda humana*. Barcelona: Labor.
- PINTO, K.O. & ELALI, G. A. (2004). *Autobiografias ambientais de estudantes universitários*. Anais do XXII CIC. Natal: UFRN.
- RABINOVICH, E. P. (1997). A casa como tempo: a bilheira e as três temporalidades. *Psicologia Ciência e Profissão*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 2-11.
- RAPOPORT, A. (1972). *Vivienda y cultura*. Barcelona: Gustavo Gilli.
- RIVLIN, L. (2003) *Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente*. *Estudos de Psicologia* 8(2), Natal, RN.
- ROYER, J. (1989). *Le dessin d'une maison : image de l'adaptation sociale de l'enfant*. France: EAP Editions.
- SOMMER, B.B. & SOMMER, R. (1997). *A practical guide to behavioral research: tools and techniques*. New York: Oxford University Press.

- SPELLER, G.M. (2005). A importância da vinculação ao lugar. In L. Soczka (Org.) *Contextos humanos e Psicologia Ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Pp.133-167.
- SZUCKS, C. P. (1998). Apropriação e modificação dos espaços da casa: inventário de soluções populares. In *Anais do NUTAU'98*. São Paulo: FUPAM/FAU-USP.
- TUAN, Y. (1980). *Topofilia um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. SãoPaulo: DIFEL.
- TUAN, Y. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. SãoPaulo: DIFEL.
- VALLEJO, C. (1975). *Obra poética completa*. Havana, Cuba: Casa das Américas.
- VALENTE, C.G. (1972). *La vivienda en el mundo*. Bos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires.
- VELOSO, M. & ELALI, G.A. (2006). *Qualidade de vida urbana em Natal: mitos e realidades*. Natal: EDUFRN, 2006.
- WERNER, C. M., ALTMAN, I., & OXLEY, D. (1985). *Temporal aspects of homes: a transactional perspective*. In I. Altman & C. M. Werner (Orgs.), *Home environments* (pp. 1-32). Nova York: Plenum.
- WIESENFELD, E. *La vivienda: su evaluation desde la Psicologia Ambiental*. Caracas, Venezuela: Universidad Central de Venezuela, Cosejo de Desarrollo Cientifico y Humanístico, 1994.